

**Instituto Sedes Sapientiae**  
**Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana**  
**1º Ano**  
**Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas**  
**3º Ano**  
**Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana**  
**6º Ano**

**Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington**

Reflexões sobre a Aula 20 – 27.08.2015

**Assunto principal:** A relação da Anima e do Animus com a Sombra, as defesas neurótica, psicopática e psicótica, dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal.

**Textos de referência:** O Arquétipo Patriarcal. *Psicologia Simbólica Junguiana*, cap. X.

A saga da formação da identidade do menino e da menina.

*A Viagem do Ser em busca da eternidade e do Infinito*, Cap.IV.

**Filme:** *Atração Fatal* (1987), dirigido por Adrian Lyne, com Michael Douglas e Glenn Close. Diretor: Adrian Lyne.

Boa noite a todos.

Hoje é a nossa 20ª aula, na qual deveremos empregar tudo o que já foi dito até agora para compreendermos a psicodinâmica normal e patológica do filme *Atração Fatal*, com a qual ilustraremos nossa aula.

Dan e Alex são dois advogados bem sucedidos que se conhecem profissionalmente e sentem grande atração um pelo outro. Ele é casado, tem uma filha de 6 anos. Sua esposa, Beth, está com a menina passando o fim de semana na casa dos pais no campo. Alex está separada.

Dan e Alex vão jantar e se seduzem mutuamente. Vão para o apartamento de Alex e lá vivem um grande encontro erótico.

No dia seguinte, vão passear no parque e correm jogando uma bola entre si e para o cachorro de Dan pegar. Num desses arremessos de Alex, Dan corre e se atira na grama como se tivesse desmaiado. Ela fica assustadíssima e corre na direção dele. Ele levanta, mostrando que tinha fingido um desmaio para assustá-la. Ela fica muito contrariada e diz

a ele que, aos sete anos de idade, seu pai morreu de infarto na frente dela. Ele fica culpadíssimo, mas ela ri e diz que foi mentira. Ele fica muito sem graça.

Como saberemos mais tarde, Alex havia de fato perdido o pai de infarte aos 7 anos e por isso, podemos concluir que, para atacar Dan e esconder o seu trauma, ela havia mentido, ou seja, **atuado uma defesa psicopática a serviço do poder** (Arquétipo Patriarcal). É sua primeira manifestação de um distúrbio de caráter, que mais tarde surgirá com grande intensidade.

Eles voltam para o apartamento de Alex e passam o dia juntos. Ouvem Madame Butterfly de Verdi, e, por sincronicidade, se dão conta que é a ópera preferida dos dois. Acontece que o enredo da ópera é de um oficial americano que faz parte da ocupação militar do Japão. Ele tem um caso com uma jovem japonesa que engravida e tem um menino. O oficial volta para os US, casa-se e um dia volta para buscar seu filho. Butterfly entrega o menino e depois se suicida. A sincronicidade está no fato de Dan e Alex estarem caminhando para uma tragédia análoga.

Domingo pela manhã, Dan levanta abruptamente, dizendo que precisava voltar para casa para trabalhar. Alex reage surpresa, pois sabia que a mulher dele e a filha só voltariam no dia seguinte. Eles discutem e ela o ataca, rasgando sua camisa. A inadequação da agressão nos faz pensar numa reação psicótica matriarcal (histórica) pelo fato de não aguentar uma fixação grave de um complexo de abandono. Ela se desculpa para esconder sua reação, mas a fixação de um núcleo de rejeição, gravemente patológico, é inegável.

Dan veste-se para sair. Ela vem se despedir chorando e o abraça. Ele pensa que as suas mãos estão molhadas, mas leva um grande susto ao ver que as mãos dela estão ensanguentadas, porque ela cortou os pulsos. Percebemos que a reação dela é psicopática e psicótica e que ela é portadora de uma gravíssima fixação e disfunção matriarcal por um complexo de abandono fixado no luto patológico pela perda do pai. Intuímos estar diante de **um caso de neurose grave com reação psicopática (patriarcal) e psicótica de dominância matriarcal (histórica)**.

Posteriormente, associaremos sua perda do pai aos 7 anos, com uma fixação matriarcal gravíssima, com luto patológico que até hoje não pode ser elaborado. Não há dúvida que durante o encontro sexual que tiveram, ela se apaixonou e não consegue se separar dele porque, além da paixão, no episódio do parque, reviveu a fixação com a perda do pai na figura de Dan e regrediu à relação e perda do pai. Separar-se dele agora significa também separar-se do pai, cuja separação na morte, ela nunca conseguiu elaborar e que configurou num luto patológico.

No nível arquetípico da relação homem-mulher percebemos uma intensa conjunção Anima-Animus turbinada pela intensidade matriarcal do relacionamento erótico do fim de semana. Alex, no entanto, tem uma fixação matriarcal grave que a impede de separar-se quando termina o fim de semana. Dan não só não percebeu o envolvimento afetivo dela, como não tem a menor intenção de continuar se relacionando com ela. Mas, como se explica a diferença de envolvimento afetivo Anima-Animus entre os dois, depois de uma simbiose erótica matriarcal e patriarcal na qual eles se uniram com a mesma voluptuosidade? Aqui precisamos de um arrazoado histórico para compreendermos a facilidade de relacionamento da mulher com a função sentimento e a dificuldade do homem com essa função. Ela gozou e se apaixonou. Ele gozou e se preparou para desaparecer da vida dela. Reações opostas, mas muito comuns entre o homem e a mulher.

Dentro do modelo tradicional de mais de 10 mil anos da família de dominância patriarcal, a criança vive a segunda fase da vida de 0 a 2 anos, em relação simbiótica com a mãe, dentro de uma acentuada dominância matriarcal passiva. A mãe e as cuidadoras desempenham a posição ativa. Socialmente, ou seja, dentro do Self Cultural, a mãe é inferiorizada, desqualificada, reduzida às funções domésticas. Enquanto isso, o pai é enaltecido, admirado como “amo e senhor” e agraciado grandemente com o “pátrio poder”. Emocionalmente, porém, dentro do Self Individual do quatérnio primário, a figura da mãe é elevada ao cargo de primeira ministra, com plenos poderes sobre o lar e o pai desempenha a figura de um senhor distante que tem a titulação pró-forma, mas, que realmente, só governa de longe. O efeito emocional desta forma do quatérnio primário formar a identidade da criança caracteriza a verdade psicológica de quem tem o poder social formal, não tem, necessariamente, o poder emocional sobre a alma individual, e até mesmo o contrário pode ser verdade.

Ao iniciar-se a terceira fase da vida, que durará dos 2 aos 10 anos, a criança adquire o controle dos esfíncteres e da alimentação, a bipedestação e a locomoção, a fala e a consciência da diferença entre os sexos. Nessa fase, o menino e a menina percebem que a menina não tem pênis. Ela precisará ser iniciada para saber que seu clitóris é tão importante quanto o pênis.

Ao se perceber com o gênero diferente da menina, o menino passa a ser tratado também como diferente da mãe. Sua persona será formada dentro das características dos homens e radicalmente diferente e separada das mulheres, enquanto que as meninas continuarão ligadas à mãe que servirá de modelo para a formação de sua persona, a ponto delas já poderem brincar de bonecas, sendo mãezinhas.

A separação do menino da mãe, do seu primeiro e grande amor, formará a ferida primal que muito influenciará sua vida. Durante esta fase, até a puberdade, a integração do Arquétipo Patriarcal na atitude passiva, fará com que o menino reprima sua função ternura ferida, que, por isso, sofrerá uma grande retração. Ao mesmo tempo sua sexualidade e sua ereção serão enaltecidas por todos. Ao reencontrar-se com a mulher a partir da puberdade, sua sexualidade expressará intensamente sua sensualidade matriarcal, agora na atitude ativa, mas ela não será acompanhada proporcionalmente pela função afetiva da ternura, ferida e reprimida. Esta é uma das razões do homem desempenhar sua sexualidade separada da ternura, o que levou à criação da instituição da prostituição. Dentro do que foi dito no parágrafo anterior, eles são promovidos com o poder formal, enquanto que elas são reasseguradas com o poder emocional.

O outro fator da repressão da função sentimento do menino foi o processo de desenvolvimento psicológico do homem durante a longa dominância patriarcal, que delegou para a mulher o exercício do relacionamento afetivo da ternura com os filhos dentro da sensualidade matriarcal e afastou o homem desse relacionamento. Nesse sentido, o homem foi afastado da vivência de Eros no lar e destinado ao desempenho do poder autoritário e competitivo no campo profissional, religioso, político e militar.

Um dado de sincronicidade é que o ator Michael Douglas, posteriormente ao filme, segundo a imprensa, se submeteu a tratamento comportamental por ser portador de sexualidade compulsiva.

Pelo fato da mulher não ter essa limitação afetiva, ela não se dá conta dessa limitação no homem e, frequentemente, se envolve afetivamente sem que ele o faça, exatamente como aconteceu com Alex no filme.

Nesse sentido, a mulher tem se iludido e alienado muitas vezes ao buscar a igualdade e a liberdade, imitando o comportamento do homem no desfrute dos direitos humanos adquiridos. Basta lembrar que Alex e Dam encenam uma grande noitada erótica, ela sabendo que ele era casado e agindo como se isso não tivesse importância. Ela em momento algum expressou sua dificuldade em ter um encontro erótico simplesmente para o desfrute da sensualidade, como fez Dan. Por isso, quando vemos as reações dela reivindicando um relacionamento íntimo e permanente além do fim de semana, é como se ela mesma tivesse negado sua natureza afetiva ao entrar na vivência erótica com ele e despertado para a função sentimento somente depois de se apaixonar e, assim mesmo, de forma sombria.

O filme nos revela de forma trágica quanto a Anima, o Animus e a Alteridade são arquétipos pós-matriarcais e pós-patriarcais. Não há dúvida que esses arquétipos foram

igualmente ativados nas personalidades de Dan e Alex, mas vemos claramente que o Animus de Alex se diferenciou em tese dos Arquétipos Parentais (Matriarcal e patriarcal), mas continuou com uma grave fixação neles, na Sombra. O mesmo não aconteceu com a Anima de Dan, que está sufocada e não se diferenciou dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal.

O mesmo se passou com o Livro Vermelho de Jung, no qual Salomé, a dançarina que, na Bíblia, seduz seu padrasto Herodes Antipas para conseguir a cabeça de João Batista, surge no livro, apaixonada por Jung e cega. Simbolicamente ela expressa intensamente o Arquétipo Matriarcal devido à sua exuberância sensual, mas é cega por não ter espiritualidade e ser incapaz de amar. Ela expressa a Anima de Jung asfixiada pelo Arquétipo Matriarcal e que só se libertará, quando Jung recuperar a visão do coração e encontrar o amor. Por intermédio de Salomé curada da cegueira, Jung criará o conceito de Anima, donde podemos compreender que, sem a Anima se diferenciar do Arquétipo Matriarcal, ela é cega, não é ativada e por isso, embrutecida e promíscua. Jung a chama de prostituta. Somente com esta diferenciação do Matriarcal, a Anima será capaz de recuperar a visão, ou seja, encontrar a luz e o amor.

O problema de Jung no *Livro Vermelho* é o grande problema do homem com dominância patriarcal acima descrito. Devido à sua fixação matriarcal pela separação da mãe na ferida primal e pela repressão afetiva na dominância patriarcal, ele é incapaz de exercer sua ternura, sua Anima e de amar, e por isso, exerce seu erotismo sensual de maneira afetivamente indiferenciada como é o caso da prostituição.

Alex começou a se revoltar contra a separação de Dan, ainda que de forma matriarcal defensiva (histórica), já durante o fim de semana em que tiveram o encontro erótico. Vimos dois episódios nesse fim de semana, nos quais ela regride por não conseguir se separar e atua uma defesa matriarcal agressiva psicopática e psicótica (histórica). Na primeira, ela rasga a camisa de Dan, e, na segunda, corta os pulsos e, ao abraça-lo, o lambuzava de sangue. Especialmente nessa segunda instância, Alex atua uma defesa psicopática junto com a defesa psicótica, pois não há dúvida que ela, ao abraçá-lo, planejou lambuzá-lo de sangue, para aterrorizá-lo, antes que ele percebesse que ela havia cortado os pulsos.

Esse evento ilustra uma importante limitação do Animus na atuação pós-patriarcal. Se, por um lado, constatamos que a mulher não tem a mesma separação matriarcal da ternura que o homem na vivência da sexualidade, vamos agora nos dar conta que a mulher tem uma defesa patriarcal que limita sua atuação do Animus. Nessa defesa, a mulher, ao competir com o homem por direitos iguais, o imita e se envolve com ele

matriarcalmente, sem levar em conta sua função afetiva, e, sobretudo, sem verificar se o homem está afetivamente envolvido tanto quanto ela. Assim, Alex, somente vai verificar que Dan não está envolvido afetivamente como ela, depois dela acordar no dia seguinte da noitada erótica e se dar conta que ela está apaixonada e ele não. Nesse momento, ela tem a primeira reação psicótica e o ataca quando percebe que ele se veste para deixá-la.

Esse problema defensivo da mulher se formou, a meu ver, quando a implantação do Arquétipo de Alteridade levou à busca dos direitos iguais no Self Cultural e fez com que o feminismo competisse com o homem, imitando a prática sexual dele dentro do erotismo matriarcal separado da afetividade. É importante registrar, então, que, apesar de ter vivenciado o sexo de forma erótica exuberante como fez Alex, ela não conseguiu acompanhar Dan e vivenciar o sexo só matriarcalmente, sem amor.

Uma amplificação deste tema na Mitologia Grega está representada no grande problema da vida amorosa de Zeus e Hera, na terceira geração dos deuses olímpicos. Sabemos que Zeus e Hera uniram a família olímpica dentro da coordenação patriarcal, depois que Zeus subjuguou os monstros e titãs. No entanto, após essa unificação patriarcal da família olímpica, os Arquétipos da Anima e do Animus seguiram caminhos opostos no processo de individuação de Zeus e de Hera.

Para acompanharmos essa variação da Anima e do Animus dentro da sua polaridade na relação dialética de alteridade, é preciso perceber tanto a Anima quanto o Animus, dentro de um espectro que varia da dominância matriarcal à dominância patriarcal, tão bem expresso na Mitologia Grega pela relação conjugal trágica de Zeus e Hera.

Zeus segue o lado polígamo de dominância matriarcal da Anima e passa a fertilizar o Self Cultural dentro do adultério, dando nascimento a inúmeros heróis e deuses que tornaram a cultura grega uma das mais ricas que já existiram. Por sua vez, Hera segue o lado monogâmico da dominância patriarcal do Animus e, como Hera Teléia, patrocina a união conjugal dentro da monogamia e da fidelidade. Nesse patrocínio, Hera persegue terrivelmente as parceiras de Zeus e os heróis resultantes de suas uniões.

Pelo fato da Anima e do Animus serem aqui representados como bipolares variando da dominância matriarcal de um extremo à dominância patriarcal no outro, compreendemos que tanto a mulher quanto o homem pode apresentar aspectos mais ou menos dominantes matriarcais e patriarcais, na sua vivência do Animus e da Anima respectivamente.

Um exemplo desse conflito tipológico arquetípico de Zeus e Hera é o herói Hércules, nascido do adultério de Zeus com Alcmena. Ele é perseguido por Hera com a

missão de realizar seus famosos doze trabalhos. Nesse sentido, é como se o processo de individuação de Hércules, que é sem dúvida, o maior de todos os heróis, fosse a reunião de Zeus e Hera através das realizações culturais expressas pelos doze trabalhos. Isso explica porque o herói, que se chamava primeiramente Alcides, passou a se chamar Hércules, que quer dizer “glória de Hera”. Sua renomeação é sem dúvida um batismo de iniciação, consagrado por sua missão redentora, por intermédio da qual se tornará um deus.

A dificuldade dos Egos de Alex e de Dan de elaborarem essa tensão oriunda do Self Cultural entre o Animus de dominância patriarcal dela e a Anima de dominância matriarcal dele levou Alex ao agravamento de uma fixação que foi aos poucos se radicalizando e agravando a problemática do seu luto patológico, que passou de neurótica a psicopática e à psicótica franca, o que a levou para a conduta homicida que causou sua morte.

Vemos que Dan não se desestrutura mas se torna vítima da desestruturação de Alex, porque ele se apoia na estrutura patriarcal monogâmica vigente no Self Cultural e Familiar, ainda que de forma defensiva, enquanto que ela se desestrutura porque atua sua busca de amor através da Sombra do Self Cultural. Quando ela se descobre grávida, ela se apega ainda mais a Dan como mulher e também como mãe do filho deles.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que o conteúdo da fala contundente e julgadora de Alex, gravada na fita, é muito bem fundamentado moralmente, porque está baseada nos direitos humanos e na busca de o amor e da parentalidade inerentes ao processo de individuação. Essa fala só se torna sombria e intensamente patológica, porque não se situa no contexto politicamente correto da família constituída na consciência coletiva, que lhe permitiria a expressão normal.

É importante assinalar que a instabilidade psicológica de Alex opera dentro da busca de constituir uma família com Dan. O quadro se agrava para Alex, pois essa gravidez é, possivelmente, sua última chance de ser mãe. Ela se desestrutura gravemente quando ele grotescamente propõe o filicídio, o aborto, de forma automática e sem a menor reação afetiva, e pelo qual ele “generosamente” se dispõe a pagar. Até então, Alex só havia pedido que ele assumisse a paternidade, nada mais. Diante da oposição psicopática, desumana e agressiva dele, ela descompensa e passa a ser subitamente possuída pela agressividade psicopática e psicótica.

Para a próxima aula, cujo tema será Amor e Sacrifício, peço a vocês lerem Psicologia Simbólica Junguiana, cap. XI: O Arquétipo da Alteridade.

Nosso filme de referência será *As Pontes de Madison* (1995), dirigido por Clint Eastwood, com Meryl Streep e Clint Eastwood.

Boa noite a todos e até a próxima quinta-feira,  
Byington